

MUNDORAMA

MUNDORAMA.NET

VOLUME 2 - JANEIRO - DEZEMBRO - 2008

TEMAS DA NOSSA AGENDA

ARTIGOS,
CONJUNTURA,
EVENTOS,
BIBLIOTECA

*CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO
LABORATÓRIO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

Table of Contents

Independência de Kosovo: políticas de identidade e governança global, por Mariana Yokoya Simoni	1
La Nuova Politica Estera della Seconda Repubblica: as dimensões da política externa italiana no governo Silvio Berlusconi, por Ricardo dos Santos Poletto	2
As crises do Quênia e do Zimbábue e a intervenção internacional, por Márcio Santos de Santana	3
Revisões nas políticas interna e externa do Paraguai face ao fim do jugo colorado sobre o país, por Evandro Farid Zago	4
Expansão e reforma da OTAN: as dificuldades da consolidação da aliança euro-atlântica no pós-Guerra Fria, por Rafael da Soler	5
China e Índia - “Chindia” (II): vasta estrutura econômica em construção, por Paulo Antônio Pereira Pinto	6
A Cúpula da OTAN em Bucareste - questionamentos e desafios para a cooperação na área de segurança, por Izadora Xavier do Monte	7
Curso de Extensão “Relações Internacionais do Brasil: Temas e Agendas”	8
Afinidades eletivas, solidariedade e convergência no início do século XXI: Apontamentos sobre as relações entre o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA), por Carlos Federico Domínguez Avila	9
A questão paraguaia: de novos paradigmas externos a uma diplomacia de resultados para vizinhos turbulentos, por José Ribeiro Machado Neto	11
O legado de Henry Kissinger, por Paulo Roberto de Almeida	12
Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?, por Virgílio Arraes	13
Boletim Meridiano 47 - No. 94 - Maio/2008	14
Revista Cena Internacional - Vol. 10 - No. 1 - 2008	15
Boletim Mundorama - No. 9 - Maio/2008	16

Independência de Kosovo: políticas de identidade e governança global, por Mariana Yokoya Simoni

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

Ante o fracasso das tentativas de definição do status final de Kosovo no âmbito, primeiro, do Conselho de Segurança das Nações Unidas, do Contact Group e, recentemente, da troika, Kosovo impende o verbo e declara de forma unilateral independência da Sérvia, em fevereiro de 2008. A Sérvia, com respaldo da Rússia, considera a declaração ilegal e condena o reconhecimento deste “Estado falso”; contudo, 36 países-membro das Nações Unidas já prestaram seu reconhecimento, dentre eles os EUA e 18 membros da União Européia.

A quebra do impasse de cerca de três anos suscitou questões tanto dentro do governo sérvio, cujas eleições legislativas foram convocadas para maio, quanto entre EUA, UE e Rússia. Além disso, surgem discussões de alcance sistêmico, como o arranjo institucional pelo qual o processo tem transitado e sua autoridade formal. Para melhor compreender esse contexto e seus nódulos de tensão, delinear-se-á um breve histórico.

[\(mais...\)](#)

La Nuova Politica Estera della Seconda Repubblica: as dimensões da política externa italiana no governo Silvio Berlusconi, por Ricardo dos Santos Poletto

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

Sessenta e três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Itália conhece seu 62º governo. A sustentação dos cinco anos de mandato deixará de ser um desafio para o governo de centro-direita, se os partidos aliados mantiverem-se fiéis a Berlusconi, que possui confortável maioria no Palazzo Madama e no Montecitorio. As lições de 1994, quando a Liga, do Norte derrubou o governo Berlusconi e a recente derrocada do governo Prodi apontam para uma posição privilegiada em uma curva de aprendizado.

Para além das questões domésticas, trata-se de exercício corriqueiro analisar os possíveis impactos de uma mudança de governo nos rumos de algumas dimensões bilaterais, regionais e, eventualmente, globais das relações internacionais. Essa avaliação prospectiva é particularmente importante para países com grande peso internacional. Desprovido de capacidade e de instrumentos de atuação internacional, um Estado tende a concentrar sua agenda política no plano doméstico. Esse não é o perfil italiano; pelo menos, não deveria ser. A presente análise busca demonstrar o equívoco da subestimação do papel italiano. O argumento é o de que vencida a paralisia política que pervade a vida política na bota mediterrânea é possível vislumbrar seu maior protagonismo nas grandes questões internacionais contemporâneas.

Essa oportunidade ocorre no contexto de organização político-institucional da Segunda República Italiana, resultado da Operação Mãos Limpas (Mani Pulite), em 1992, quando a devassa nos partidos políticos resultou no desmoronamento de verdadeiros impérios eleitorais. Os democratas-cristãos foram politicamente defenestrados pelo judiciário e pela sociedade italiana. Os socialistas não escaparam imunes, tendo seu partido dissolvido. O Partido Comunista, por sua vez, moveu-se - também em virtude do colapso soviético - ainda mais em direção à social-democracia para ocupar o vácuo deixado pelo Partido Socialista. Enfim, a metamorfose e a fragmentação partidária deu origem a um sistema tão instável quanto o anterior, e que só agora com a eleição de Berlusconi parece ter encontrado uma saída. [\(mais...\)](#)

As crises do Quênia e do Zimbábue e a intervenção internacional, por Márcio Santos de Santana

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

O processo de Descolonização no continente africano foi marcado por episódios conturbados e de difícil resolução, de tal modo que ainda nos deparamos com muitos efeitos residuais. Malgrado não seja o fator primordial para compreensão da atual crise política e eleitoral no Zimbábue, não é possível escamotear tal elemento da discussão. O legado do Colonialismo para a África é essencialmente problemático, sobretudo no caso em questão, haja vista a trajetória política conturbada por explosões frequentes de violência e tragédias humanitárias, além de outros inúmeros problemas de grande magnitude.

A independência do Zimbábue foi marcada por conflitos raciais e regime político ditatorial, condição ainda não superada. Nos anos 1950 fazia parte de uma federação sob a tutela britânica, composta por Rodésia do Norte (atual Zâmbia), Rodésia do Sul (Zimbábue) e Niassa (Malavi). Em 1961, quando ainda se chamava Rodésia do Sul, foi adotada uma constituição antidemocrática que garantia privilégios à população branca, em moldes similares aos do Apartheid implantado na África do Sul. Ainda nesse ano, o Reino Unido concedeu a independência aos demais membros da federação, mas se recusou a proceder da mesma maneira com relação ao Zimbábue, por conta da instauração do regime racista.

O impasse com o Reino Unido fortaleceu a Frente Rodesiana, partido racista branco, sob liderança de Ian Smith, alçado ao cargo de Primeiro-Ministro durante a crise, cuja ação imediata foi a proclamação unilateral da independência em 1965, ainda que sem o reconhecimento britânico. Os desdobramentos desse contencioso alcançaram a Organização das Nações Unidas, que decidiu pela imposição de sanções econômicas. Contudo, tal medida ficou sem efeito prático em virtude do apoio dado pela África do Sul e por Moçambique - então sob domínio colonial português. ([mais...](#))

Revisões nas políticas interna e externa do Paraguai face ao fim do jugo colorado sobre o país, por Evandro Farid Zago

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

Após um longo período de 61 anos à frente da Presidência paraguaia, o Partido Colorado foi retirado do poder nas eleições do último vinte de abril. Até então, o grupo detinha o espantoso recorde de ser o partido que, na atualidade, há mais tempo governava um Estado. Líder da oposição, o ex-bispo Fernando Lugo foi grande responsável pela modificação no panorama político do Paraguai. Ele foi a figura que comandou uma ampla coalizão da esquerda nacional - a Aliança Patriótica para Mudança (APM) -, acabando por lograr o que muitos já haviam considerado impossível: desvincular dos colorados a Presidência do país.

Dadas as recentes transformações, a presente análise delineará a nova gênese que se espera observar na conjuntura política da nação. Para tal, primeiramente será mostrada a forma pela qual o Partido Colorado está, intrinsecamente, ligado ao Estado paraguaio, assim como as conseqüências imediatas de seu afastamento. Em seguida, as prováveis medidas de adaptação a serem tomadas por parte da coalizão vitoriosa nas eleições serão elencadas. Parte-se, então, para as repercussões internacionais do fato, que abrangem implicações para a ala esquerdista sul-americana, para o relacionamento bilateral com o Brasil e, por fim, para os vínculos do Paraguai com China e Taiwan.

No decorrer das mais de seis décadas em que dominou a política doméstica paraguaia, o Partido Colorado conseguiu se tornar, ele próprio, uma representação da cultura do país. Na atualidade, é praticamente impossível estabelecer distinção entre as políticas públicas nacionais e as coloradas, visto que ambas fundiram-se, paulatinamente, durante todo o período em que a bancada dominante permaneceu no governo. Exemplo da amplitude do poderio colorado está na filiação obrigatória ao grupo por parte de todo funcionário público, o que infla seus contingentes em mais de 200 mil membros. Partindo-se do simples fato de que filiados a certo partido têm preferência por seus próprios candidatos, a mera votação do funcionalismo público já concede vantagens consideráveis para qualquer colorado que queira concorrer a eleições. ([mais...](#))

Expansão e reforma da OTAN: as dificuldades da consolidação da aliança euro-atlântica no pós-Guerra Fria, por Rafael da Soler

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tem lidado, desde o princípio da década de 90, com a necessidade de transformação interna devido a seu novo papel na ordem pós-Guerra Fria. A dissolução da União Soviética eliminou a ameaça à segurança da Europa que motivara a criação da aliança em 1949. O que se seguiu foi, portanto, a adaptação de suas estruturas e capacidades para um novo ambiente de segurança. Contudo, este processo não ocorreu tão suavemente como esperado, já que a consolidação de uma ordem unipolar liderada pelos Estados Unidos evidenciou divergências internas com relação aos objetivos da organização, comprometendo a aliança euro-atlântica.

A 20ª reunião de cúpula de chefes-de-Estado da OTAN realizada em Bucareste no início de abril foi um importante capítulo deste processo que tem sido a adaptação das estruturas da Guerra Fria ao século XXI, o que já fica evidente na escolha da Romênia - membro da OTAN desde 2004 e antigo participante do Pacto de Varsóvia - como país organizador. A agenda do encontro incluiu discussões sobre as operações da organização no Afeganistão e em Kosovo, as parcerias com países como a Rússia e as perspectivas de alargamento. Seus resultados, principalmente aqueles referentes à expansão, deixam claro tanto a falta de coesão que tem caracterizado a aliança nos últimos anos como a relevância que o antigo inimigo antagonista, agora representado pela Rússia, ainda tem no momento das decisões.

Nos anos 90, a falsa impressão de que o desfecho da Guerra Fria significaria o fim dos grandes conflitos e a crescente convergência internacional em torno de um modelo liberal-democrático trouxe uma série de questionamentos sobre a relevância que organizações como a OTAN teriam dali em diante. Contudo, esta impressão foi acompanhada não pelo enfraquecimento das estruturas de segurança pré-existentes, mas sim pela busca de seu fortalecimento por meio da expansão. A dissolução do Pacto de Varsóvia em 1991 abriu espaço para a concretização de novos objetivos da aliança euro-atlântica, que envolviam a estabilização e a democratização das regiões anteriormente sob influência soviética. Assim, a adesão destes países à OTAN passou a ser uma meta da organização, alcançada primeiramente em 1999, com a entrada da República Tcheca, da Polônia e da Hungria, e posteriormente em 2004, com a entrada de mais sete países do leste europeu. Concomitantemente, houve a maior participação em operações de paz, sinalizando a consolidação da estabilidade regional como um objetivo organizacional. [\(mais...\)](#)

China e Índia - “Chindia” (II): vasta estrutura econômica em construção, por Paulo Antônio Pereira Pinto

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

<

No momento, é impossível tratar sobre as relações entre a China e a Índia sem citar o livro “Billions of entrepreneurs - How China and India are Reshaping Their Futures and Yours”, por Tarun Khanna (Publicado por Penguin Group, 2007. Tarun Khanna é Professor da “Harvard Business School” e escreveu o livro com base em vasta experiência pessoal de viagens pela China e Índia.), que visa a interpretar, a leitores ocidentais, oportunidades de negócios na vasta estrutura econômica em construção entre os dois países asiáticos emergentes.

Sua obra diferencia-se da maioria da literatura disponível sobre China e Índia, que, até recentemente, utilizava parâmetros de comparação entre a RPC e, quase sempre, o Japão, a Coreia do Sul, ou mesmo Taiwan. Os indianos eram, nesses estudos, associados, inevitavelmente, aos paquistaneses.

No momento, a China parece “descolar-se” do resto da Ásia Oriental, que continua a ser vista com atenção, por sua dinâmica própria. A Índia deixou de ter como referência o Paquistão.

China e Índia são, hoje, o foco de comparações inesgotáveis, para os leitores ocidentais, seja a respeito de seus respectivos processos de desenvolvimento econômico, seja quanto à inserção de cada país no cenário internacional, inclusive com o emprego de suas respectivas “soft power” (Nye, Jr. Joseph S. “Soft Power: The Means to Success in World Politics”. Public Affairs, 2004. O autor descreve tal poder como “a habilidade de obter o que você quer, atraindo e persuadindo os outros a seguirem objetivos seus”).

Para o observador em Mumbai, no entanto, o mais interessante tem sido o esforço de analistas indianos para explicar, ao seu próprio país, a “China”, inclusive as razões para seu sucesso econômico recente.

[\(mais...\)](#)

A Cúpula da OTAN em Bucareste - questionamentos e desafios para a cooperação na área de segurança, por Izadora Xavier do Monte

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

A cúpula de Bucareste, que aconteceu entre os dias dois e quatro de abril de 2008, distancia-se dezoito anos no tempo de uma outra cúpula da mesma organização, realizada em noventa, em Londres. Com isso, a mais recente reunião da OTAN comemora a maioria do acordo alcançado entre os membros da antiga aliança sobre a necessidade de rever os objetivos e a estratégia perseguidos por esta. Dezoito anos depois de Londres, no entanto, ainda não é sabido exatamente quais seriam esses novos objetivos e qual estratégia eles requerem.

A OTAN, por toda a década de noventa, representou um desafio para analistas de relações internacionais. Criada em quarenta e nove com objetivo claro de se opôr à União Soviética, encaixou-se perfeitamente durante a Guerra Fria com os ditames das perspectivas mais ortodoxas do realismo. Após o desaparecimento de sua razão de ser original, ela perdura sem missão definida. Defensores da corrente teórica do institucionalismo observam esse fato como prova contundente do poder dos regimes, mesmo em áreas delicadas como a segurança internacional.

Já os autores realistas ignoram a continuidade desse tipo de regime como fenômeno relevante - apontando-o como resultado de interesse meramente retórico dos chefes de Estado, ou com importância marginal, defendendo que tais regimes só têm capacidade de sobrevivência de acordo com sua capacidade de levar adiante os interesses das potências que sobre ele têm influência. No entanto, a resiliência da cooperação em segurança entre as principais potências da Europa Ocidental e os Estados Unidos tem se mostrado fenômeno particularmente interessante para diversos autores que tentam fazer sentido dos significados da globalização e do fim da bipolaridade para as dinâmicas da segurança internacional. ([mais...](#))

Curso de Extensão “Relações Internacionais do Brasil: Temas e Agendas”

By Mundorama | Volume 2 – No. 9 – Maio – 2008

O [Instituto de Relações Internacionais](#) da Universidade de Brasília – iREL-UnB e o [Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI](#) realizarão entre os dias 14 e 25 de julho de 2008 o curso de extensão *Relações Internacionais do Brasil: Temas e Agendas*, com 35 horas de duração.

O Curso de Extensão *Relações Internacionais do Brasil: Temas e Agendas* foi estruturado para os interessados em política externa brasileira – sejam estudantes de graduação e de pós-graduação ou profissionais que se dedicam à formulação e à implementação de políticas públicas e privadas com repercussão internacional (diplomatas estrangeiros, servidores públicos civis e militares, funcionários de empresas públicas e privadas, agentes de organizações sociais, membros de partidos políticos, de organizações não-governamentais, dirigentes sindicais...), mas também para o cidadão comum que se inquieta diante das transformações pungentes da política internacional contemporânea e que quer se informar sobre as respostas que o Brasil tem dado a essas mudanças.

O objetivo do Curso é fomentar o debate sobre os grandes temas da inserção internacional do Brasil e o modo complexo pelo qual o país respondeu às transformações da agenda internacional contemporânea a partir dos anos noventa. Pretende-se apresentar ao público ferramentas para a interpretação da cena internacional contemporânea, dos desafios e das oportunidades que lhe são inerentes e sobre a forma com que neles o Brasil se insere.

A [equipe de professores](#) deste programa é composta por pesquisadores especializados em Política Exterior do Brasil e, em sua maior parte, por autores que colaboraram na obra coletiva *Relações Internacionais do Brasil: Temas e Agendas* (Editora Saraiva).

Detalhes do programa e inscrições podem ser feitas [aqui](#).

Afinidades eletivas, solidariedade e convergência no início do século XXI: Apontamentos sobre as relações entre o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA), por Carlos Federico Domínguez Avila

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

A participação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na reunião de cúpula dos países membros do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA) - Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana - na cidade de São Salvador (El Salvador), em 30 de maio de 2008, confirma o bom momento das relações econômicas, políticas e sócio-culturais entre as partes, bem como a continuidade do chamado processo de São José - vigente desde o ano de 2000.

Com efeito, as relações em questão têm como referente imediato a primeira reunião Brasil-SICA na capital costarriquenha. Na oportunidade, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez a primeira visita de um mandatário brasileiro à Costa Rica - e à região. Desde 2003, o presidente Lula visitou pelo menos quatro vezes o istmo, o que demonstra um alto, persistente e crescente interesse de estreitar vínculos anteriormente pouco desenvolvidos ou claramente desdenhados por ambas as partes em função de privilegiar parcerias com outros países.

As relações econômicas entre o Brasil e os países do SICA incluem fluxos comerciais, investimentos produtivos, cooperação técnica horizontal e transferência de tecnologia. Especificamente no que diz respeito ao comércio, os fluxos Brasil-SICA têm sido muito dinâmicos nos primeiros anos do século XXI. O valor das exportações brasileiras com destino aos 8 países que formam parte do Sistema de Integração Centro-Americana cresceu de US\$ 492 milhões em 2000 para US\$ 1,9 bilhões em 2007. Entretanto, no mesmo período o valor das importações brasileiras procedentes daqueles países aumentou modestamente de US\$ 49 milhões para US\$ 205 milhões. Conseqüentemente a balança comercial geral vigente é claramente favorável para o lado brasileiro, e as perspectivas para o futuro são muito semelhantes.

No campo político, o diálogo entre o Brasil e os países do SICA é cada vez mais intenso, complexo e construtivo. Em geral, o diálogo político acontece em nível bilateral e multilateral. Conseqüentemente, os encontros entre as autoridades políticas e diplomáticas brasileiras e centro-americanas são bastante freqüentes e convergentes, seja nas cimeiras de Chefes de Estado ou nas reuniões ministeriais.

A agenda política vigente entre o Brasil e o SICA inclui os seguintes tópicos: a preservação e fortalecimento da Democracia, a promoção e proteção dos Direitos Humanos, a proteção do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável, a manutenção da paz e da segurança internacional, e o aperfeiçoamento dos mecanismos de integração e coordenação regional e global. A agenda política Brasil-SICA também inclui a participação de atores não-estatais tais como: partidos políticos, empresas transnacionais, organizações não-governamentais, organizações profissionais, sindicais e camponesas, instituições religiosas, guerrilhas e outras forças irregulares, entidades sub-nacionais de governo, dentre outros.

Quais são as perspectivas para o futuro das relações Brasil-SICA? Ainda que não exista uma resposta completa nem definitiva para esta pergunta, é possível sim identificar alguns cenários plausíveis. Levando-se em consideração o intervalo temporal do próximo decênio é possível imaginar três grandes cenários para as relações em questão. Tais cenários poderiam ser denominados de: (a) inercial, (b) otimista, e (c) pessimista.

Acredita o autor deste artigo que as relações entre o Brasil e os países do SICA terminarão avançando por algum ponto intermediário entre os cenários inercial e otimista. Em tal hipótese, tratar-se-ia de um cenário com moderado otimismo. Nele permitir-se-ia trabalhar numa agenda fundamentada tanto no

pragmatismo, como nas afinidades eletivas, na sensibilidade, na solidariedade e na comunidade de interesses e valores. No marco das dramáticas transformações globais e hemisféricas vigentes nos primeiros anos do XXI, tal cenário implicaria alcançar o objetivo de estabelecer relações maduras, sólidas, construtivas e mutuamente benéficas para brasileiros e centro-americanos. Sendo que a visita do presidente Lula a El Salvador - aparentemente - confirma o cenário supracitado.

Carlos Federico Domínguez Ávila é Doutor em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília - UnB e professor e pesquisador do Centro Universitário UNIEURO e do Instituto de Ensino Superior de Brasília - IESB (cdominguez_unieuro@yahoo.com.br).

A questão paraguaia: de novos paradigmas externos a uma diplomacia de resultados para vizinhos turbulentos, por José Ribeiro Machado Neto

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

O Brasil, a partir da década de 1970, ao realizar investimentos no Paraguai e na Bolívia para o suprimento de energia elétrica e gás - insumos estratégicos necessários à manutenção do crescimento econômico - objetivou, com relativo êxito, ganhos de oportunidade para a sua maturidade industrial. Além disso, passaria a contribuir de maneira direta para a integração multilateral, tornando seus passos letárgicos em saltos participativos na mudança de configuração geoeconômica da América Latina no cenário econômico internacional.

Para tanto, usou em larga escala a diplomacia ortodoxa baseada nas relações históricas seculares que ainda caracterizavam, naquela década, a política da boa vizinhança para a cooperação e, num plano mais elevado, para a integração regional. Entretanto, sem atentar para possíveis imbróglis advindos de mudanças de governo e de regimes políticos em ambos os vizinhos até então tidos como pacíficos e ávidos receptores de capitais forâneos para a implementação de transformações estruturais em seus espaços geográficos visivelmente pouco receptivos a políticas governamentais inovadoras. Os investimentos externos, ainda que majoritários não chegaram a interferir na soberania nacional desses vizinhos, mas sim, transformaram-se em agentes aceleradores de suas economias. ([mais...](#))

O legado de Henry Kissinger, por Paulo Roberto de Almeida

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

<

Não, o velho adepto da realpolitik ainda não morreu. Mas tendo completado 85 anos em maio de 2008, o ex-secretário de Estado e ex-conselheiro de Segurança Nacional dos EUA Henry Kissinger aproxima-se das etapas finais de sua vida. Seus obituários - não pretendendo aqui ser uma ave de mau agouro - devem estar prontos nas principais redações de jornais e revistas do mundo inteiro, e os comentaristas de suas obras preparam, certamente, revisões de análises anteriores para reedições mais ou menos imediatas, tão pronto este "Metternich" americano passe deste mundo terreno para qualquer outro que se possa imaginar (na minha concepção, deverá ser o mundo das idéias aplicadas às relações de poder).

Talvez seja esta a oportunidade para um pequeno balanço de seu legado, que alguns - por exemplo Christopher Hitchens, em *The Trial of Henry Kissinger* - querem ver por um lado unicamente negativo, ou até criminoso, como se ele tivesse sido apenas o inimigo dos regimes "progressistas" e um transgressor consciente dos direitos humanos e da autodeterminação dos povos. Ele certamente tem suas mãos manchadas de sangue, mas também foi o arquiteto dos acordos de redução de armas estratégicas e da própria tensão nuclear com a extinta União Soviética, além de um mediador relativamente realista nos diversos conflitos entre Israel e os países árabes, no Oriente Médio. Sua obra "vietnamita" é discutível, assim como foi altamente discutível - ou francamente condenável - o prêmio Nobel da Paz concedido por um simplesmente desengajamento americano, que visava bem mais a resolver questões domésticas do que realmente pacificar a região da ex-Indochina francesa. ([mais...](#))

Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?, por Virgílio Arraes

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

<

A candidatura do Senador John McCain, já definida pelo Partido Republicano, traz consigo um aspecto singular em campanhas presidenciais. Em sendo um condecorado veterano da Guerra do Vietnã - período em que pertenceu como piloto à Marinha - qual o tipo de perspectiva que ele poderia passar aos milhares e milhares de feridos, alguns dos quais gravemente, nas inúmeras confrontações de que têm participado os Estados Unidos nas últimas décadas e aos próprios militares da ativa?

Com relação ao primeiro ponto, a despeito de McCain ter sido filho do Almirante-Chefe da Esquadra do Pacífico no período do conflito vietnamita, ele não aceitou a sua libertação em detrimento da manutenção da catividade de outros muitos militares. Como consequência, o futuro postulante à Casa Branca seria submetido constantemente a torturas, tendo por resultado lamentavelmente seqüelas físicas permanentes.

Desta forma, um possível presidente - submetido profundamente em sua juventude ao horror do cotidiano de uma cruenta peleja - teria mais condições de melhorar o serviço médico atualmente oferecido aos combatentes dele necessitados e ser ele mesmo um exemplo de destaque contra toda prática de tortura, independentemente se a favor ou não de seu país. [\(mais...\)](#)

Boletim Meridiano 47 - No. 94 - Maio/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

A questão paraguaia: de novos paradigmas externos a uma diplomacia de resultados para vizinhos turbulentos, por José Ribeiro Machado Neto

Revisões nas políticas interna e externa do Paraguai face ao fim do jugo colorado sobre o país, por Evandro Farid Zago

Afinidades eletivas, solidariedade e convergência no início do século XXI: Apontamentos sobre as relações entre o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA), por Carlos Frederico Domínguez Ávila

China e Índia - "Chindia" (II): vasta estrutura econômica em construção, por Paulo Antônio Pereira Pinto

A cúpula da OTAN em Bucareste - questionamentos e desafios para a cooperação na área de segurança, por Izadora Xavier do Monte

As crises do Quênia e do Zimbábue e a intervenção internacional, por Márcio Santos de Santana

Independência de Kosovo: políticas de identidade e governança global, por Mariana Yokoya Simoni

Balanço das relações Rússia-Geórgia: instrumentalização do separatismo em estratégias de afirmação regional, por Pablo P. Sampedro Romero

O legal do Henry Kissinger, por Paulo Roberto de Almeida

Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?, por Virgílio Arraes

La Nuova politica Estera della Seconda Repubblica: as dimensões da política externa italiana no governo Silvio Berlusconi, por Ricardo dos Santos Poletto

Expansão e reforma da OTAN: as dificuldades de consolidação da aliança euro-atlântica no pós-Guerra Fria, por Rafael da Soler

Acesse a edição completa em formato html - [clique aqui](#)

Acesse a edição completa em formato pdf - [clique aqui](#)

Revista Cena Internacional - Vol. 10 - No. 1 - 2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

- PARAGUAI: QUO VADIS? ENTRE O MERCOSUL E OS ESTADOS UNIDOS, por Regina Kfuri & Bárbara Lamas
- O PAPEL DAS EMPRESAS NAS PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE GOVERNANÇA AMBIENTAL GLOBAL, por José Célio Silveira Andrade
- PAX PERPETUA: O INTERNACIONAL E A MODERNIDADE TARDIA, por Paulo Esteves & Letícia Carvalho de Souza
- OS PADRÕES DE POLÍCIA CIVIL NO QUADRO DE REFERÊNCIA NORMATIVO
- DAS OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU: O CASO DO HAITI, por Raquel Melo
- DUAS FACES DO GIGANTE: OS ESTADOS UNIDOS NAS VISÕES DE EDUARDO PRADO E MONTEIRO LOBATO (NOTAS SOBRE AS RELAÇÕES BRASIL/ESTADOS UNIDOS), por Túlio Sérgio Henriques Ferreira
- REGULAÇÃO DE INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS: MODELOS EXISTENTES E POSSIBILIDADES PARA O BRASIL, por Cleiton Schenkel

Acesse a edição completa - [Revista Cena Internacional - Vol. 10 - No. 1 - 2008](#)

Boletim Mundorama - No. 9 - Maio/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 9 - Maio - 2008

Artigos

- A questão paraguaia: de novos paradigmas externos a uma diplomacia de resultados para vizinhos turbulentos, por José Ribeiro Machado Neto
- Revisões nas políticas interna e externa do Paraguai face ao fim do jugo colorado sobre o país, por Evandro Farid Zago
- Afinidades eletivas, solidariedade e convergência no início do século XXI: Apontamentos sobre as relações entre o Brasil e os países do Sistema de Integração Centro-Americana (SICA), por Carlos Frederico Domínguez Ávila
- China e Índia - "Chindia" (II): vasta estrutura econômica em construção, por Paulo Antônio Pereira Pinto
- A cúpula da OTAN em Bucareste - questionamentos e desafios para a cooperação na área de segurança, por Izadora Xavier do Monte
- As crises do Quênia e do Zimbábue e a intervenção internacional, por Márcio Santos de Santana
- Independência de Kosovo: políticas de identidade e governança global, por Mariana Yokoya Simoni
- Balanço das relações Rússia-Geórgia: instrumentalização do separatismo em estratégias de afirmação regional, por Pablo P. Sampedro Romero
- O legal do Henry Kissinger, por Paulo Roberto de Almeida
- Veteranos nos Estados Unidos: McCain ou Obama?, por Virgílio Arraes
- La Nuova politica Estera della Seconda Replubblica: as dimensões da política externa italiana no governo Silvio Berlusconi, por Ricardo dos Santos Poletto
- Expansão e reforma da OTAN: as dificuldade de consolidação da aliança euro-atlântica no pós-Guerra Fria, por Rafael da Soler